

EDITORA



**UnB**

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman  
Márcia Cristina Maesso  
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato  
Ana Giulia de Araújo Conte  
Aline Vidal Varela  
Muriel Romeiro da Costa e Silva  
Alessandra Carvalho Vieira da Silva  
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa  
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro  
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

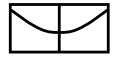
EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira  
**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



**UnB**

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman

Márcia Cristina Maesso

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Ana Giulia de Araújo Conte

Aline Vidal Varela

Muriel Romeiro da Costa e Silva

Alessandra Carvalho Vieira da Silva

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro

Fabício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

**Coordenação geral** : Thiago Affonso Silva de Almeida  
**Consultor de produção editorial** : Percio Savio Romualdo Da Silva  
**Coordenação de revisão** : Denise Pimenta de Oliveira  
**Coordenação de design** : Cláudia Barbosa Dias  
**Revisão** : Lara Andressa da Silva Carvalho  
**Diagramação** : Lislayne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

---

I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :  
subjetivações e cultura / (organizadores)  
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :  
Editora Universidade de Brasília, 2024.  
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

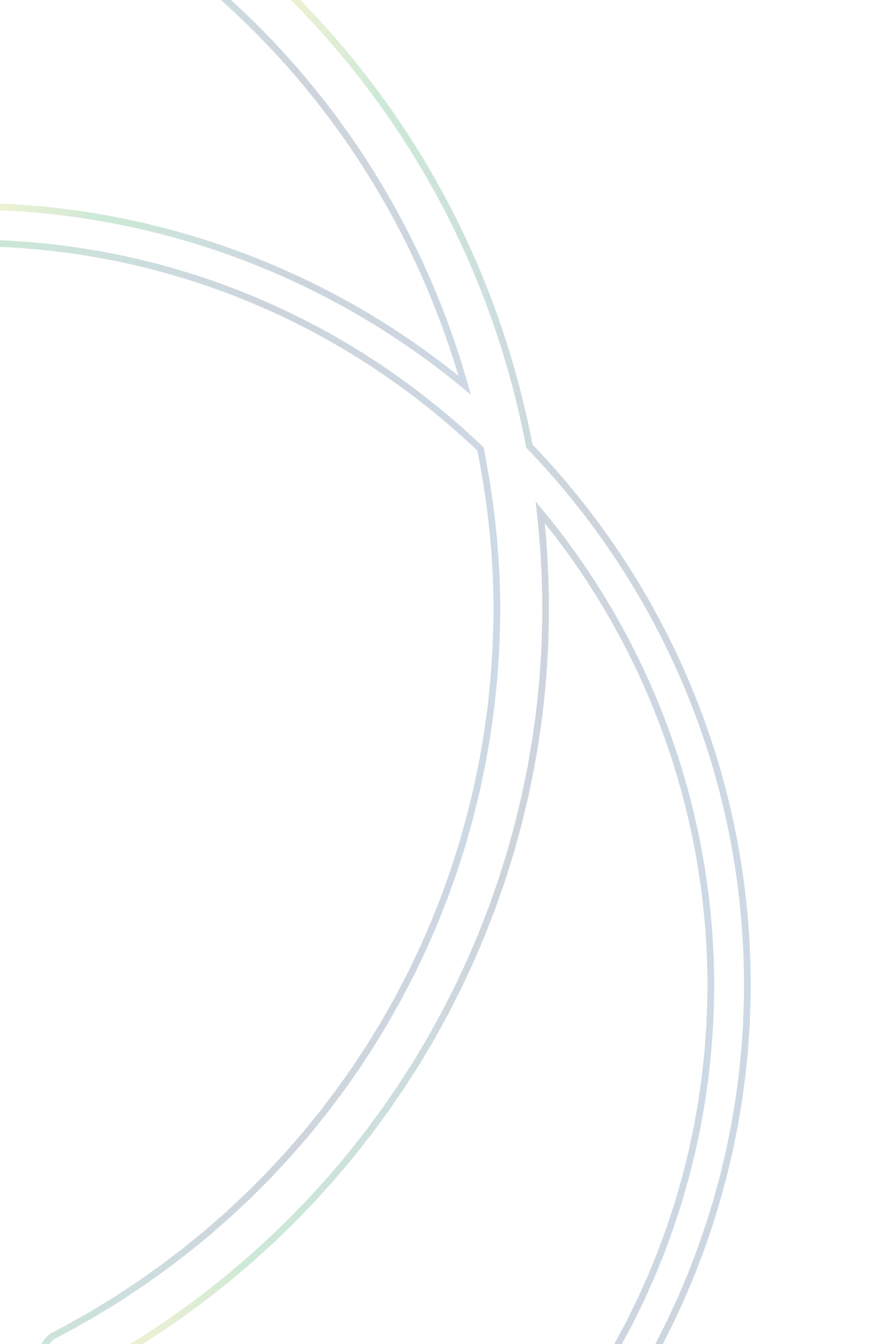
Formato PDF.  
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,  
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2



Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



# Sumário

## **Apresentação 11**

## **Prefácio 13**

Miriam Debieux Rosa

### Parte I

## **Psicanálise e parentalidade**

### **Psicanálise e maternidade 21**

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

### **Parentalidade contemporânea 33**

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

### Parte II

## **Psicanálise e relações raciais**

### **Cabelo crespo e pele escura 47**

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

### **Violência, trauma e memória 57**

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

### **O racismo estrutural na transmissão psíquica 69**

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

### Parte III

## Psicanálise, arte, literatura e cultura

### Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

### Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

### A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

### Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

### Parte IV

## Psicanálise e trabalho feminino

### Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

### Parte V

## Psicanálise extramuros/ políticas públicas

### Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

### O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

## **Até o osso 159**

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

## **Parentalidade e saúde pública 173**

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

## **A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187**

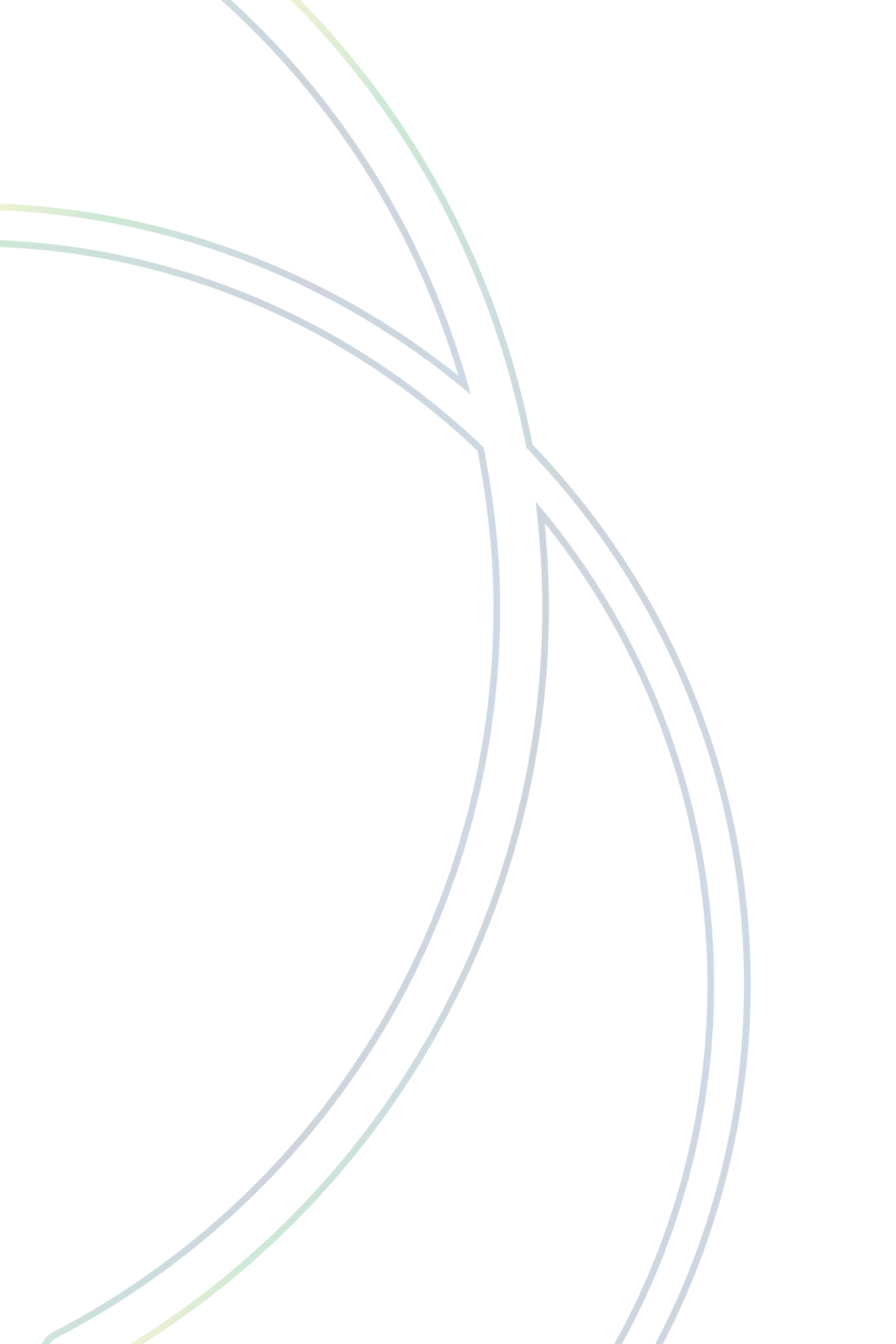
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela,  
Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

## **Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199**

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

## **Sobre os autores e organizadores 211**





# Apresentação

A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

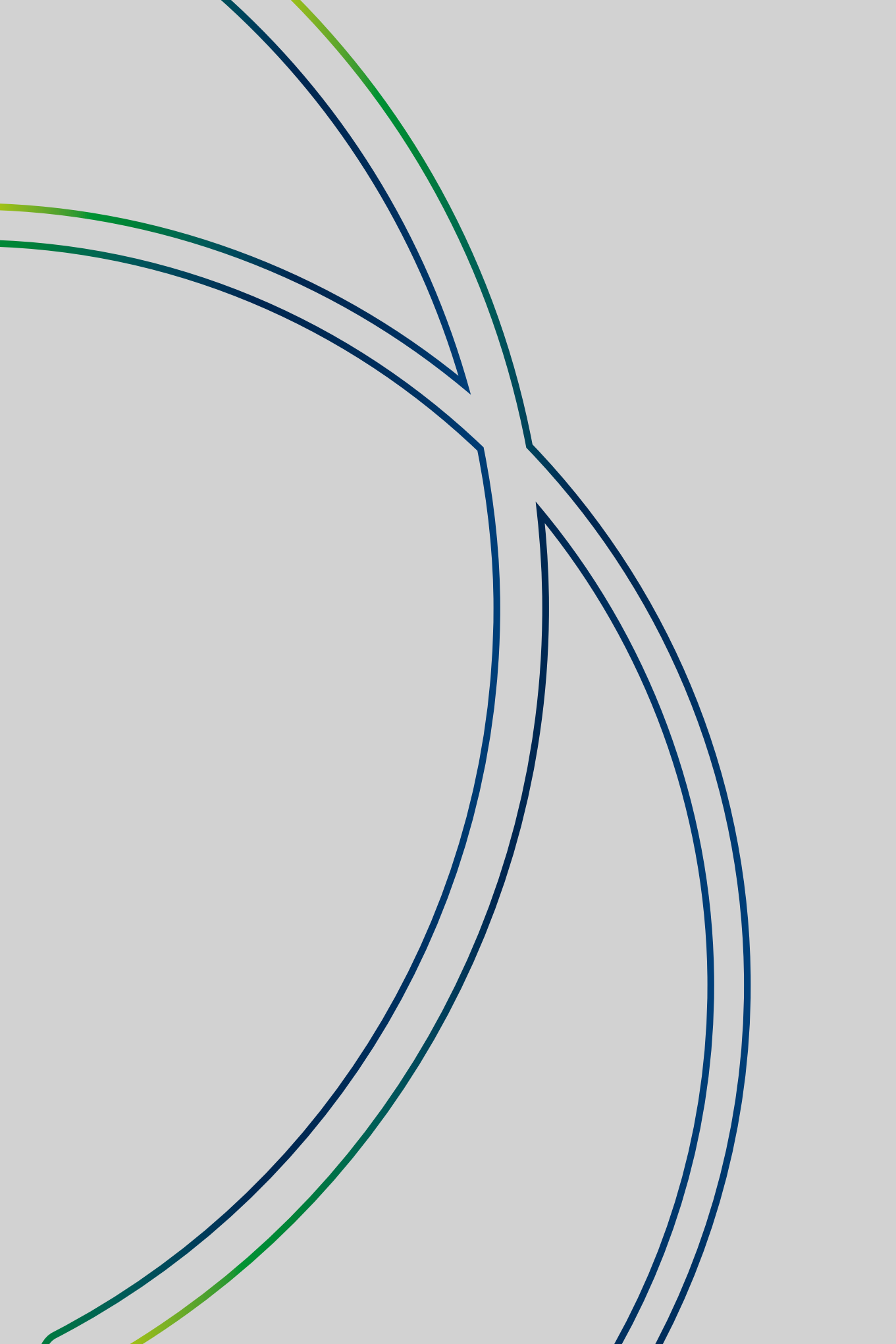
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



# Psicanálise extramuros/ políticas públicas

Parte V



# O psicanalista nos contextos públicos

*Observações sobre a transferência*

Samuel Ted Almeida de Pereira  
Amanda Soares Dias  
Márcia Cristina Maesso

O presente capítulo parte de um estudo teórico de textos psicanalíticos a fim de localizar a posição do psicanalista quando inserido em órgãos de atendimento do Estado, dando enfoque para o modo como a transferência ocorre na escuta de pacientes que acessam esses serviços, os quais, muitas vezes, compartilham uma história de exclusão e vulnerabilidade social. É sabido que, cada vez mais, psicanalistas tomam postos em distintas ocupações garantidas por variadas políticas públicas no Brasil. Muitos dos que ocupam paralelamente o cargo de psicólogo em distintas instituições, partem da Psicanálise para realizarem seus trabalhos em equipamentos do Sistema Único de Assistência Social (Suas), do Sistema Único de Saúde (SUS), na rede formal de ensino infantil e/ou adulta, entre outros.

## A Psicanálise nos espaços públicos

Ponderando sobre o futuro da Psicanálise no pós-guerra, em conferência que recebeu o nome de “Caminhos da terapia psicanalítica”, Freud (2017 [1919-1918]) avalia que a Psicanálise estava restrita às camadas abastadas da sociedade naquele momento. Chega a defender que o tratamento psicanalítico deveria ser oferecido a um número maior de pessoas, de forma gratuita e ofertado pelo Estado, considerando que as neuroses seriam uma ameaça à saúde da população. Por conseguinte, já nos primórdios da ciência psicanalítica, a inserção dos psicanalistas nos espaços públicos já era debatida.

Na mesma conferência, Freud (1919-1918) fala sobre a criação de instituições de formação onde atuariam psicanalistas no tratamento gratuito e avalia que as novas condições trariam a necessidade de adequação da técnica da Psicanálise, mas que a eficácia do tratamento estaria relacionada à “Psicanálise propriamente dita”. Aqui, faremos surgir

uma interrogação, no intuito de pedir um intervalo em que a certeza possa faltar: como podemos pensar e fazer a “Psicanálise propriamente dita”?

Aspectos da técnica psicanalítica estavam sendo expostos por Freud naquela ocasião: a reiteração do que havia sido formulado até então sobre a transferência, a explicação do que seria uma análise e observações sobre a atividade do analista, por exemplo. Ao falar de uma “Psicanálise propriamente dita”, Freud (2017 [1919-1918]) a contrastava com outras técnicas, como o sugestionamento direto e a hipnose, as quais havia abandonado e excluído da práxis psicanalítica. Além disso, está presente a dimensão ética, como se vê na afirmação de que a Psicanálise não pode servir a uma visão filosófica de mundo, de modo que seria violento impô-la ao paciente.

Outrossim, outros saberes, que não o psicanalítico, já no início do século XX, serviam-se da Psicanálise para definirem sua atuação no campo da política pública. Um exemplo disso está na atuação de August Aichhorn (2006 [1925]), reeducador que trabalhava no âmbito de uma Escola Reformadora (atuação equivalente, na contemporaneidade, à do socioeducador), que, a partir do trabalho educativo, utilizava-se da Psicanálise para reconhecer as manifestações dissociais como resultado de uma interação de forças psíquicas e sugeria que, pelo conhecimento das motivações inconscientes do comportamento, poderia assim promover a conformidade social aos seus atendidos. Freud (2006 [1925]) chegou a produzir um prefácio à obra do autor, de forma a contribuir para o debate de como os processos educativos podem se beneficiar da Psicanálise, recomendando que os professores fizessem análise didática, por mais que compreendesse o impossível educar como distinto do psicanalisar.

Se, por um lado, a entrada de psicanalistas em diferentes políticas públicas, mesmo para além daquelas que comportariam um processo de análise propriamente dito, traz desafios para pensar-se a práxis e formação do analista, por outro, como indica Lacan (2003 [1967]), é na hiância que todo ensino instaura, já que nenhum ensino pode de fato falar sobre o que é a Psicanálise, e que pode se articular na falha que a comporta, a falta, em prol de que o dever da Psicanálise possa ser cumprido.

Lacan (2003 [1967]) versa que, se adotamos o sujeito como representado entre dois significantes, o significante da transferência – o qual poderia ser qualquer um em potencial – denuncia que num plano de dois (o do psicanalista e o do analisando) advém um constituinte ternário, o sujeito suposto saber. Esse último não tem a ver com o deslocamento de um significante ao outro, nem mesmo depende de que o analisando “ativamente” suponha um saber ao psicanalista, mas sim depende que o analista possa figurar o não sabido do paciente como quadro do saber, que é suposto ao Outro, a partir do que o analista registra rigorosamente das letras da cadeia de quem é atendido. Para tanto, Lacan (2003 [1967]) reafirma a posição freudiana de que, em cada novo caso, não se tome as primeiras decifrações como se versassem sobre alguma aprendizagem, no caso aprendizagem sobre o sujeito suposto saber. É importante que advenha, ao psicanalista, como não sabido.

Assim, verificamos que o não saber que comporta a prática dos analistas, essencial tanto para operar com o sujeito suposto saber, e para o próprio ensino em Psicanálise, é evidenciado quando o psicanalisar é inserido em contextos que não o da clínica tradicional. As formas como a falta comparece, no ensino, a partir da falha, muito longe de serem um empecilho à atuação de psicanalistas nos contextos instaurados por diferentes políticas públicas, indicam o real do trabalho com que lidamos nesse âmbito profissional, sendo a porta, igualmente, para que um saber sobre o ofício possa fazer-se presente.

Ao tentar dar conta de tal hiância do ensino, Lacan (2003 [1967]) propõe que a Psicanálise é uma junção entre a extensão e a *intensão*. A extensão traduziria a função da escola como presentificadora da Psicanálise no mundo e a *intensão* consiste na didática propriamente dita, e tudo o que envolve a preparação de operadores da técnica psicanalítica.

Como bem adverte Luciano Elia (2017), faz-se necessário distinguir que a Psicanálise em extensão não se confunde com a Psicanálise aplicada, essa última relativa às práticas psicanalíticas a ocorrerem na rua, nos contextos de saúde pública mental e em tantos outros. A extensão, comportando a dimensão da Escola, é aquela que, diferentemente da *intensão*, não se resume à experiência original entre o analista e o analisando, a ocorrer em uma análise. O desejo do analista, por sua vez, estaria na junção entre *intensão* e extensão, e para que a Psicanálise possa consolidar-se em diferentes esferas de atuação nas distintas políticas públicas, deve servir-se, necessariamente, dessa condição. Lacan (2003 [1967]), ainda sobre o assunto, diz que: “[...] é no próprio horizonte da Psicanálise em extensão que se ata o círculo interior que traçamos como hiância da Psicanálise em *intensão*” (p. 261).

Tal circunscrição da Psicanálise em *intensão* à em extensão, e não o contrário, faz-se notar no trabalho de Neusa Santos (1990 [1983]), *Tornar-se negro*, quando, ao versar sobre o racismo por meio de entrevistas com pessoas negras em ascensão social, não só produziu excelente trabalho sobre a extensão, compreendendo a Psicanálise no mundo como aquela que perpassa o racismo estrutural estabelecido na cultura, como constatou que nem todo significante permite a identificação ao traço, como é o caso do significante “negro”, o qual comparece como insólito, sendo um dos achados de sua pesquisa a partir da experiência entre analista e analisandos, contribuindo, logo, para o debate em *intensão*. Mencionamos também o trabalho de Miriam Debieux Rosa (2016) que, ao pesquisar sobre a adolescência em conflito com a lei e a imigração forçada como aspectos do mundo em que a Psicanálise pode ser inserida, pôde estudar, em *intensão*, os efeitos do desamparo discursivo para a destituição subjetiva dos falantes.

Se, como antecipado por Freud, os psicanalistas atuantes nos variados órgãos que compõem a assistência do Estado à população produzem adequações em sua atividade a partir do que se apresenta nos contextos em que atuam, para Lacan é intrínseco à *intensão* que ela se construa no interior da extensão, ou seja, a Psicanálise edifica uma metapsicologia e uma técnica, em *intensão*, somente a partir do mundo que a comporta.

Outra contribuição para o assunto também pode ser encontrada no conceito de enquadramento, como estabelecido por André Green (2001) em entrevista a Fernando Urribarri.

O enquadramento, orientado por um pensamento clínico, antecede a técnica e configura-se como enquadramento interno do analista, subdividindo-se em duas frações: a matriz ativa e o escrínio. A matriz ativa é o elemento mais estável do enquadramento, comportando a associação livre, por parte do analisando, e a atenção flutuante, pelo analista. O escrínio, sendo o mais variável, corresponde a todas as disposições formais e materiais do enquadramento.

Assim, se todo enquadramento pressupõe uma dimensão variável, a de suporte para que a atenção flutuante e a associação livre possam se dar, é compreensível que o escrínio se altere com a entrada da Psicanálise nas políticas sociais públicas em comparação ao da “clínica tradicional” como forma de possibilitar a matriz ativa.

Assumindo, portanto, que a Psicanálise em *intensão* está em continuidade à Psicanálise em extensão, e destacando que Freud já advertia sobre a necessidade de adaptação da técnica quando os psicanalistas estão em contextos da assistência do Estado à população, discorreremos sobre algumas peculiaridades relativas ao enquadramento e técnica, dada a presença de psicanalistas em serviços de diferentes políticas públicas sociais. Logo, indicamos que a “Psicanálise propriamente dita” é garantida por sua ética. Não-toda que é, porém, é variável quanto ao escrínio e como ela se comporta no mundo – e o mundo sempre desvela novos encontros com o real a partir do que é ocupado pelos psicanalistas desde distintas posições na cena social até distintos pontos de miragem – influencia os modos próprios de como a Psicanálise em *intensão* opera. A relação entre analista e psicanalisante altera-se e conserva intocada, ao mesmo tempo, sua ética.

Outra dimensão importante a considerarmos quando se trata da inserção da Psicanálise em contextos sociais marginalizados ora atendidos pelas distintas políticas públicas sociais que tentam responder ao problema, é o da necessidade de que o psicanalista se tome como agente da política, problematizando sua prática enquanto garantidora ou não de direitos para os atendidos em um mundo colonizado. Para opor-se aos intentos colonizadores e ao que isso se relaciona à prática dos psicanalistas, Cleyton Andrade (2021) defende a necessidade da decolonização do pensamento psicanalítico. Sobre isso, diz:

a decolonização do pensamento passa não apenas pelo texto, mas por aquele que lê e terá que se responsabilizar pelos efeitos de sua leitura. Digo que, no caso dos leitores de Freud e Lacan, por exemplo, a decolonização talvez passe menos por abandonar a leitura que por adotar uma anamorfose discursiva como metodologia (Andrade, 2021, p. 70).

Andrade (2021), fazendo alusão a um violoncelo, salienta a importância de que a Psicanálise considere em suas produções a materialidade histórica ao tratar do sujeito, como forma de evitar que, ao versar sobre o Outro, incorra no sintoma da colonização. A caixa acústica de um violoncelo é chamada de alma do instrumento, e sem ela não haveria a realização do ser do violoncelo. Igualmente, sem a materialidade histórica (alma), tratar de um sujeito representado entre significantes seria como sustentar um violoncelo sem ser.

Para Laurent (1999), a assistência em saúde mental é perfeitamente compatível com o psicanalista que se posiciona como “analista cidadão”, inventivo e atuante. Laurent (1999) convoca os analistas à posição de cidadãos, encoraja que se manifestem por uma rede democrática de assistência em saúde mental, que tomem partido quanto ao desrespeito aos direitos de cidadania do sujeito e que entendam que existe segregação.

Sobre o trabalho do psicanalista nas instituições de saúde, assistência, educação, entre outras em que o sujeito será escutado em contextos distintos dos consultórios tradicionais e particulares, Rosa, Estêvão e Braga dizem:

[...] os casos que se apresentam para os psicanalistas na clínica-política são diferentes, em vários aspectos, daqueles de pacientes encontrados nos consultórios. Distintos, particularmente, quanto à face sociopolítica do sofrimento e, algumas vezes, quanto à falta de uma demanda de intervenção psicanalítica ou mesmo psicológica, substituída por aparentes demandas objetivas voltadas para as carências materiais (Rosa; Estêvão; Braga, 2017, p. 367).

Rosa, Estêvão e Braga (2017) falam da “Psicanálise implicada” a qual, segundo os autores, é uma Psicanálise que, na escuta de sujeitos que passaram por situações de violência e exclusão, deve ser capaz de reconhecer que a ordem social da qual o psicanalista usufrui produz essas situações. Para os autores, o psicanalista que atua nesse tipo de clínica, uma clínica política, favorece que o sujeito possa sair do silenciamento e tenha o seu sofrimento reconhecido de modo que os conflitos produzidos no laço social possam ser desvelados.

Sendo a transferência a via pela qual os analistas cidadãos podem fazer valer a sua ética, a partir de uma Psicanálise implicada e que posta-se em favor da decolonização do pensamento psicanalítico, buscamos compreender, a seguir, especificidades do manejo da transferência em contextos sociais marginalizados, onde estão os assistidos pelas mais diversas políticas públicas que, cada vez mais, têm garantido aos psicanalistas espaço para realizarem seus trabalhos.

## Considerações sobre a transferência nos contextos públicos

Freud (1912), ao tratar da transferência, refere-se ao fenômeno como uma força que tem o poder de trazer o sucesso ao tratamento e, ao mesmo tempo, a mais intensa resistência atuando contrária a ele. O fenômeno da transferência não é exclusivo da Psicanálise pois, segundo Freud (1912, p. 110), “nas instituições em que pacientes nervosos não têm tratamento psicanalítico, observamos as maiores intensidades e as formas mais indignas de transferência”, havendo características da transferência que são devidas à neurose e não à Psicanálise.

Segundo Freud (1912), a transferência é produzida a partir do investimento libidinal do analisando à figura do analista, que é colocado em uma posição relativa à peculiaridade do analisando na condução de suas relações. O analista pretende que o analisando utilize o contexto do tratamento e a relação atual com o psicanalista para identificar os conteúdos



inconscientes que têm relação com seu adoecimento, alcançando a capacidade de trazê-los à reflexão consciente. Assim, para Freud (1912, p. 114) “[...] todos os conflitos precisam ser resolvidos no terreno da transferência”.

Em *Lembrar, repetir e perlaborar*, artigo de 1924, Freud designa a transferência como “uma doença artificial”, na qual o analista poderá intervir e da qual o analisando poderá ser curado. Segundo Freud (1924), ocorre no terreno da transferência, uma transição da doença para a vida, conforme se dá aos sintomas da neurose um significado novo. Dessa maneira, a neurose é tratada em sua atualidade: o que foi recalcado é reproduzido como ato, ainda que o analisando não se dê conta. Por meio da transferência, a libido que se encontra inacessível à consciência será colocada à serviço da realidade e o recalcado, que o analisando atua, poderá ser lembrado e superado.

Freud (1937) diz que o objetivo do trabalho analítico é a suspensão dos recalques e sua substituição por reações de maturidade psíquica e, para isso, o analisando precisa lembrar-se de vivências que estão esquecidas. É comum não conseguir levar o analisando a recordar-se do recalcado, mas as construções que o analista faz a partir da fala do analisando terão o mesmo efeito de uma recordação. A transferência, segundo Freud (1937), “é especialmente adequada para favorecer o retorno de tais conexões de afeto” (p. 366).

As construções que o analista realiza dizem respeito à história esquecida do paciente e têm como ponto de partida a fala do analisando, sendo a tarefa do analista, segundo Freud (1937), realizar a construção e comunicá-la àquele que é analisado. Este, por sua vez, produzirá novas falas, como efeito da construção do analista. Freud (1937) chama a atenção para o fato de que tentar convencer o analisando do que o analista acredita consiste em um mau uso da técnica.

A adequação da atividade do analista aos contextos públicos envolve produzir no paciente, pela transferência, efeitos de reconstrução de uma história esquecida, a partir da qual o paciente atua sem saber na transferência e na vida. Para isso, o psicanalista deverá fazer um bom uso da técnica, escutando o que se apresenta como sofrimento para os sujeitos que estão sendo atendidos, de modo que o paciente, que muitas vezes ali aparece destituído de condições dignas de existência, possa ser reconhecido e fazer uma narrativa sobre si. De acordo com Rosa (2011, p. 38) “[...] há situações em que o espaço público, seja na rua ou nas instituições, é o lugar privilegiado de um trabalho analítico onde se pode autenticar outra posição para o sujeito”.

Tomando o conceito de transferência como fundamental para os estudos e para o fazer da Psicanálise, seja no consultório ou em outros locais em que o psicanalista atua, propomos a reflexão sobre o fenômeno da transferência no contexto de atendimento à população por meio de serviços ofertados pelo Estado, serviços que se caracterizam como uma forma de garantia de direitos às pessoas ali assistidas.

A atividade do psicanalista nos contextos públicos envolve o que Freud (1937) apontou sobre o trabalho analítico: “[...] acontece em duas pessoas, e a cada uma delas é atribuída uma tarefa diferente” (p. 367). Conforme Moretto (2017), o sofrimento que se apresenta nos espaços públicos é agravado quando não reconhecido por quem está em posição de tratá-lo, como ocorre quando o sujeito não é escutado em sua singularidade, mas é medicalizado e patologizado.

Adentramos, logo, no debate acerca dos modos como a transferência comparece ao tratar-se de pacientes submetidos às mais diferentes formas de exclusão social, como em muitos dos serviços públicos de assistência à educação ou saúde, pois são eles o grande público atendido pelos psicanalistas. Também indicamos a resistência do analista como um dos principais entraves para a escuta desses sujeitos.

Rosa (2016) disserta acerca da escuta dos sujeitos do desejo que estão submetidos à exclusão social e aos mais diferentes tipos de violência, fazendo ressaltar o silêncio que comparece na transferência durante o tratamento. Esse silêncio por parte do analisando, e que em diferentes momentos pode ser erroneamente associado à estrutura do sujeito, não pode ser compreendido se não analisada a condição de desamparo discursivo a que estão submetidos os marginalizados de nossa sociedade. O desamparo (*Hilflosigkeit*), sendo uma condição fundamental humana que remete ao real da “falta-a-ser”, quando é promovido por uma articulação, no laço social, entre diferentes modalidades de discurso social e político que evocam a dimensão traumática, caracteriza o desamparo discursivo (Rosa, 2016).

Sendo o Outro aquele que negou todos os direitos ao sujeito, aquele pactuado com a segregação, não resta ao sujeito senão a impossibilidade de endereçamento de sua demanda. O sujeito, assim, é desarticulado de sua produção fantasmática, sendo afetado em seu narcisismo, remetido à angústia ante o desamparo que perpetua a condição traumática. A transferência, porém, será a via para que o sujeito fale, fazendo-se representar entre significantes, possibilitando que o paciente possa haver-se com seu desejo frente a um mundo que o exclui. O principal entrave para a escuta, portanto, não estaria nos pacientes que, marginalizados, não possuiriam os recursos culturais para conseguirem dar expressão ao seu sofrimento, mas, no entendimento de Rosa (2016), relaciona-se à resistência do analista.

Rosa (2016) afirma que há uma resistência de classe social nos analistas que escutam os sujeitos marginalizados, esses que tipicamente são atendidos nos serviços públicos. Atender o outro degradado nos discursos social e político, o qual é violentado por uma ordem que o garante a humilhação, o extremo desamparo e a dor, e sabendo-se que tal ordem é usufruída pelo psicanalista, envolve fundamentalmente levantar o recalque que possibilita a distância social e que permite aos privilegiados alegrarem-se, ensurdecerem-se ou tornarem-se paranóicos com o outro miserável. Portanto, para que seja possível o atendimento daqueles submetidos aos diferentes tipos de violência, seja nos contextos educacionais ou da assistência social, há de se romper com o pacto social que exclui os pacientes atendidos, sob a pena de, caso contrário, restar somente a destituição subjetiva e a subordinação de um outro ao desamparo social e discursivo (Rosa, 2016).

Diante do exposto, é importante destacar que um tratamento psicanalítico, independentemente do lócus ou situação em que é proposta sua realização, não pode prescindir da transferência que implica na suposição de saber do lado do analista, mas em função de sua formação, da análise da qual adveio, o analista, diante do compromisso ético, abdica da posição da qual é investido, ou seja, de saber sobre o bem do sujeito. Disso resulta que a formação do analista, contando com sua análise pessoal, estudo da teoria e supervisão,

seja imprescindível para a condução do tratamento, cujo método envolve o manejo ético da transferência como um dos pilares para alcançar uma mudança de posição do sujeito em relação às formas de poder às quais ele se encontra subordinado no tratamento e em outras relações sociais (Maesso, 2020).

### Considerações finais

No contexto dos serviços ligados às políticas públicas, a ética da Psicanálise somente poderá ser alcançada pela escuta do sujeito em sua singularidade e através da transferência, sendo esta última um fenômeno que ocorre não apenas em relação à figura do analista, mas também em relação à figura de outros profissionais, à própria instituição, ao espaço público e aos grupos que ali funcionam. Assim, o psicanalista tem uma tarefa que envolve reconhecer o sujeito em seu sofrimento, remetendo-o ao laço social e fazer operar o discurso da Psicanálise, que não se pretende total.

Ao presentificar a Psicanálise a partir da transferência, o psicanalista que escuta o sujeito nos espaços públicos reconhecerá aspectos do sofrimento que são produzidos no laço social. A transferência deverá ser trabalhada pelo analista de modo que o sujeito não seja mais uma vez lançado à exclusão, possibilitando a criação de estratégias singulares fundamentadas na história de vida do sujeito e que deixem espaço para o desejo em detrimento de formas de cuidado que reafirmam as violências, por exemplo, da medicalização como forma exclusiva de intervenção, da patologização da vida cotidiana ou da precarização dos serviços públicos, afetando a escuta da população assistida.

Seguimos com Freud, ao sustentar que um bom uso da técnica depende de que o psicanalista não imponha violentamente o que acredita ao paciente, o que denota que o sujeito possa dizer sobre o seu sofrimento, uma vez que nos serviços das diferentes políticas públicas sociais conecta-se com os modos de exclusão produzidos no laço social. O trabalho de construção da história de quem é atendido nos serviços, ancorado na ética da Psicanálise e na transferência, requer que o psicanalista escute o outro na dignidade de seu sofrimento, provocando simultaneamente um efeito no sujeito, que poderá ele mesmo escutar o que estava esquecido e inventar maneiras singulares de superação dessa história.

O psicanalista que atua nos contextos públicos tem liberdade quanto à forma do enquadramento que utilizará em sua atividade, submetido às condições materiais e simbólicas dos órgãos nos quais desempenha sua atividade ao mesmo tempo em que se implica na cena social, reconhecendo sua condição de privilégio e testemunhando que há situações de violência que atingem os sujeitos atendidos, às quais sua escuta poderá chegar. O psicanalista, cidadão, inventivo e atuante, para retomar Laurent (1999), terá um fazer que suporta e sustenta a falta, imprescindível para a condição desejante dos sujeitos e indicativa do real que comparece na atividade do psicanalista em órgãos de atendimento do Estado.

## Referências

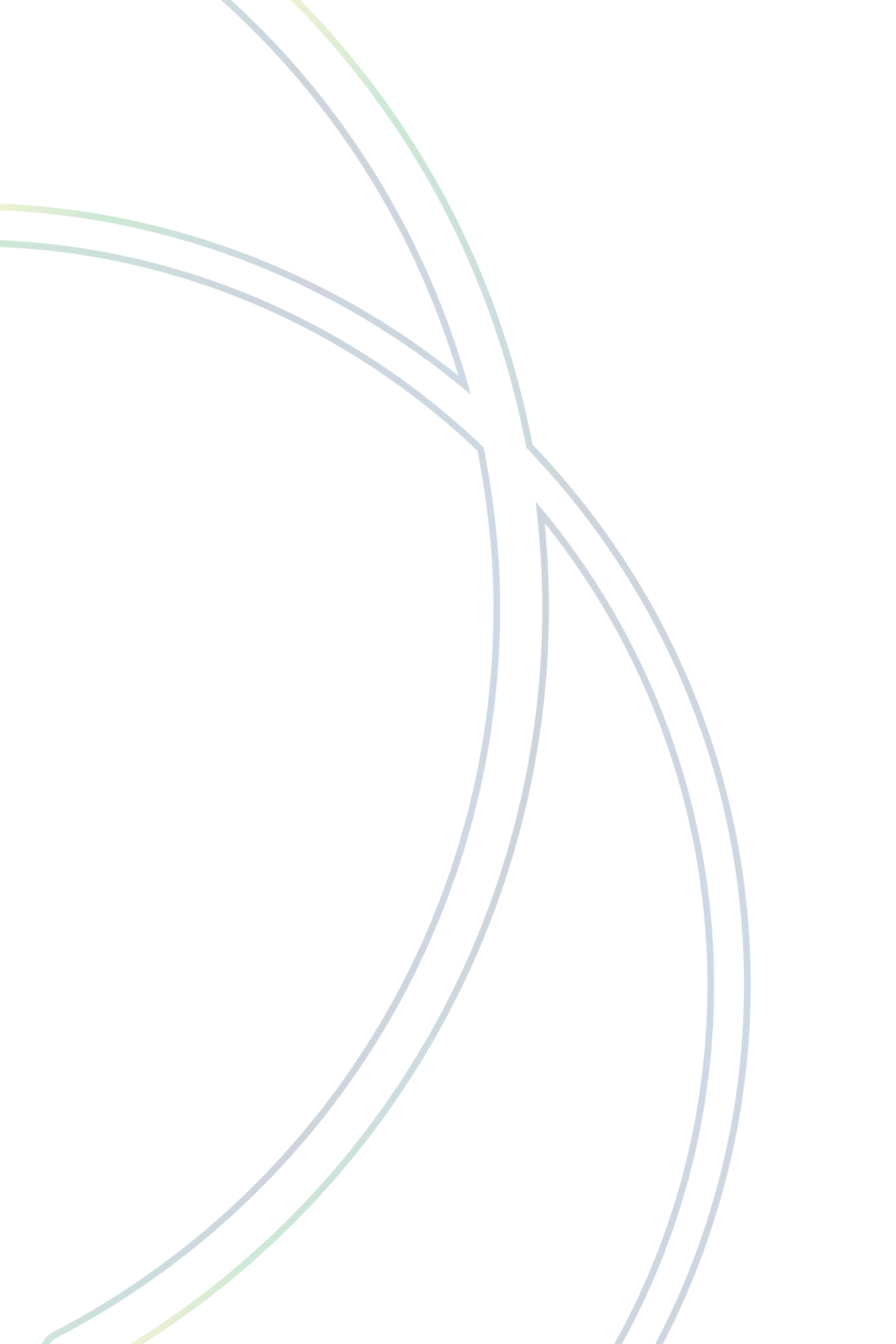
- AICHHORN, August. *Juventude desamparada* (1925). São Paulo: Gedisa Editorial, 2006.
- ANDRADE, Cleyton. Viveiros e florestas, onças e xamãs: Decolonizar o pensamento. In: GUERRA, Andréa Marins Campos; LIMA, Rodrigo Goes. *A Psicanálise em elipse decolonial*. São Paulo: N-1, 2021, cap. 4, p. 61-76.
- ELIA, Luciano. O desejo do psicanalista presentifica a intensão na extensão e se estende à política. *XV Jornada da Comissão de Enlace Regional*, Porto Alegre, ago. 2017.
- FREUD, Sigmund. Caminhos da terapia psicanalítica (1918-1919). In: IANINNI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. (org.). *Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, cap. 10, p. 191-204.
- FREUD, Sigmund. Construções na análise (1937). In: IANINNI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. (org.). *Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 365-382.
- FREUD, Sigmund. Prefácio (1925). In: AICHHORN, August. *Juventude Desamparada*. São Paulo: Gedisa Editorial, 2006, p. 23-27.
- FREUD, Sigmund. Sobre a dinâmica da transferência (2012). In: IANINNI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. (org.). *Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 107-120.
- GREEN, André; URRIBARRI, Fernando. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo*. São Paulo: Blucher, 2001.
- LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola (1967). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LAURENT, Eric. O analista cidadão. *Revista Curinga*, Belo Horizonte, v. 1, n. 13, p. 7-13, set. 1999. Disponível em: [https://ebp.org.br/mg/wp-content/uploads/2020/06/Curinga-edicao\\_13.pdf](https://ebp.org.br/mg/wp-content/uploads/2020/06/Curinga-edicao_13.pdf)
- MAESSO, Márcia Cristina. A estratégia da transferência na psicanálise como contradispositivo. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v. 36, 2020.
- MORETTO, Maria Livia. Políticas públicas, psicanálise e o lugar do analista. In: BROIDE, Emília; KATZ, Ilana. (org.). *Psicanálise nos espaços públicos*. São Paulo: IP/USP, 2017, p. 66-72.
- ROSA, Miriam Debieux. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta, 2016.

ROSA, Miriam Debieux; ESTÊVÃO, Ivan Ramos.; BRAGA, Ana Paula Braga. Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 22, n. 3, p. 359-369, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/35354>

ROSA, Miriam Debieux. Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clinicopolíticas. *Revista Psicanálise: Invenção e Intervenção*, Porto Alegre, n. 41-42, p. 29-40, 2012. Disponível em: [https://appoa.org.br/revista/psicanalise\\_invencao\\_e\\_intervencao/793](https://appoa.org.br/revista/psicanalise_invencao_e_intervencao/793)

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.





# Sobre os autores e organizadores

**Alessandra Carvalho Vieira da Silva.** Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alessandravcs@gmail.com](mailto:alessandravcs@gmail.com)

**Alexandre Staerke Vieira de Rezende.** Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: [alexandre.staerke@gmail.com](mailto:alexandre.staerke@gmail.com)

**Aline Vidal Varela.** Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: [alinevidalpsi@gmail.com](mailto:alinevidalpsi@gmail.com)

**Alvinan Magno Lopes Catão.** Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alvinanmagno@gmail.com](mailto:alvinanmagno@gmail.com)

**Amanda Soares Dias.** Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [diasam.asd@gmail.com](mailto:diasam.asd@gmail.com)

**Ana Giulia de Araújo Conte.** Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: [giulia\\_conte@hotmail.com](mailto:giulia_conte@hotmail.com)

**Ana Isabel Pereira.** Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: [anaisabelpsi@outlook.com](mailto:anaisabelpsi@outlook.com)

**Antônio Trevisan.** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

**Carla Sabrina Xavier Antloga.** Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

**Cintia da Silva Lobato Borges.** Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

**Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato.** Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

**Daniela Scheinkman** Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

**Eduardo Ribeiro Vasconcelos.** Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo\_vasconcelos82@hotmail.com

**Eduardo Portela.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

**Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista.** Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

**Elzilaine Domingues Mendes.** Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine\_mendes@ufcat.edu.br

**Fabrcio Gonçaves Ferreira.** Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

**Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral.** Psicóloga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB) e pós-graduanda em Psicanálise com Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educação (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

**Guilherme Henderson.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Membro da Associação Lacaniana de Brasília (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

**Hugo Martins Gomes da Silveira.** Psicólogo pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador de Percepção de Qualidade em Prestação de Serviços. Pesquisador de Saúde Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

**Igo Gabriel dos Santos Ribeiro.** Psicólogo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

**Ingrid Fernandes dos Santos.** Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

**Ingrid Mello Pereira Soti.** Psicóloga. Educadora em Diabetes pela Associação Nacional de Atenção ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

**Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa.** Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: isafane.c@gmail.com

**Jean-Michel Vivés.** Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

**Jéssica Nayara Cruz Pedrosa.** Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

**Joyce Juliana Dias de Avelar.** Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

**Juliano Moreira Lagoas.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

**Laene Pedro Gama.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

**Lara Gabriella Alves dos Santos.** Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

**Katia Cristina Tarouquella Brasil.** Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

**Márcia Cristina Maesso.** Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

**Marco Antônio Coutinho Jorge.** Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

**Melissa Souza Silva.** Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

**Muriel Romeiro da Costa e Silva.** Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

**Nelson de Abreu Júnior.** (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

**Patrícia da Cunha Pacheco.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

**Renato Palma.** Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

**Roberto Medina.** Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

**Samuel Ted Almeida de Pereira.** Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

**Valéria Brisolara.** Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: [valeriabrisolara@gmail.com](mailto:valeriabrisolara@gmail.com)

**Vanessa Correa Bacelo Scheunemann.** Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: [vcbscheunemann@gmail.com](mailto:vcbscheunemann@gmail.com)

**Valéria Machado Rilho.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: [valrilho@gmail.com](mailto:valrilho@gmail.com)

**Vitor Luiz Neto.** Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: [vitorluiz.neto@gmail.com](mailto:vitorluiz.neto@gmail.com)

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.



# INTERFACES EM PSICANÁLISE

## Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia